

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CÍCERA CECÍLIA DE BRITO SOBREIRA

SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: uma leitura psicanálitica

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

CÍCERA CECÍLIA DE BRITO SOBREIRA

SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: uma leitura psicanalítica

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Dr. Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

CÍCERA CECÍLIA DE BRITO SOBREIRA

SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: uma leitura psicanalítica

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso de CÍCERA CECÍLIA DE BRITO SOBREIRA.

Orientador: Profa. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Data da Apresentação: 15/12/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva/UNILEÃO

Membro: Esp. José André dos Santos

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2021

SOBRE A MORTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: uma leitura psicanálítica

Cicera Cecília de Brito Sobreira¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

O presente trabalho buscou discorrer a respeito do tema da morte, fazendo um percurso histórico desde a Idade Média até o contexto atual, na qual se vive uma das maiores pandemias da história da humanidade. A pandemia do COVID-19, trouxe uma nova compreensão sobre a morte, o morrer e luto. Milhares de vidas foram perdidas em um curto espaço de tempo, restrições de ritos para as despedidas e conseqüentemente, interferência no processo normal do luto. Assim, a pesquisa teve como objetivo, analisar as perspectivas sobre a morte no contexto da pandemia a partir da psicanálise. Onde se buscou analisar as perspectivas históricas e culturais sobre a morte, investigar sobre a morte no contexto da pandemia do COVID-19, e por fim analisar a morte do ponto de vista psicanalítico, mais especificamente a partir das referências freudianas e lacanianas. Para a realização da pesquisa, utilizou-se de uma revisão da literatura através de livros, periódicos, sites, artigos monográficos e quaisquer outras fontes relacionadas ao assunto, buscadas através do Google Acadêmico. Conclui-se que a pandemia trouxe uma nova compreensão sobre a morte, foram muitas perdas e pouco do que se dispôs para o enfrentamento delas. O homem tornou-se mais consciente da sua finitude e da finitude daquele importante pra ele, sendo essa a mais significativa mudança sobre a morte na pandemia, o medo da perda do ente querido.

Palavras-chave: Morte. Luto. COVID-19. Psicanálise.

ABSTRACT

The present work sought to discuss the theme of death, making a historical journey from the Middle Ages to the current context, in which one of the greatest pandemics in the history of humanity is experienced. The Covid-19 pandemic brought a new understanding of death, dying and grief. Thousands of lives were lost in a short period of time, restrictions on farewell rites and, consequently, interference in the normal mourning process. Thus, the research aimed to analyze perspectives on death in the context of the pandemic from psychoanalysis. Where it sought to analyze the historical and cultural perspectives on death, investigate death in the context of the COVID-19 pandemic, and finally analyze death from a psychoanalytic point of view, more specifically from Freudian and Lacanian references. To carry out the research, a literature review was used through books, periodicals, websites, monographic articles and any other sources related to the subject, searched through Google Scholar. It is concluded that the pandemic brought a new understanding of death, there were many losses and little to face them. Man has become more aware of his finitude and the finitude of what is important to him, this being the most significant change about the death in the pandemic, the fear of losing a loved one.

Keywords: Death. Grief. COVID-19. Psychoanalysis.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: ceciliasobreira25@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raulmax@leaosampaio.ed.br

1 INTRODUÇÃO

Hoje, a humanidade enfrenta uma das maiores crises de saúde pública da história contemporânea ao se defrontar com a doença causada por um novo tipo de coronavírus, nomeada de doença do coronavírus 2019 (do inglês coronavirus disease 2019 -COVID-19). A doença iniciou-se na China, rapidamente proliferando-se por todo o mundo, fazendo com que a Organização Mundial da Saúde (OMS) a reconhecesse como pandemia (DEMENECH, 2020).

A pandemia da COVID-19 colocou toda a população mundial em uma situação de vulnerabilidade sem precedentes. Não há lugar seguro. Possivelmente o maior medo em relação à pandemia da COVID-19 é a morte (GOLDIM; FERNANDES, 2021). De acordo com dados do portal G1 Notícias (2021), no Brasil o número de óbitos por COVID-19 atualizados no dia 21 do mês de dezembro de 2021 já ultrapassa 617 mil.

Ao referir sobre como a realidade brasileira vem se mostrando frente à pandemia, um fato que provoca atenção é justamente o alto índice de mortes causadas pela doença. Um dos pontos referentes às mortes causadas pela COVID-19 no Brasil e que merece atenção neste ensaio é a grande quantidade do número de óbitos em um curto espaço de tempo. Nesse contexto, a morte e o morrer se tornam diariamente ainda mais frequentes e difíceis (FORESTI; HODECKER; BOUSFIELD, 2021).

Assim, no atual contexto, em que a pandemia da COVID-19 rompeu a ilusão de que é possível uma vida sem morte, torna-se fundamental trazer a tona às perspectivas por ela assumida. Diante disso, o trabalho se propôs a responder a seguinte questão: quais perspectivas a morte assumiu durante o contexto da pandemia do covid-19? Tendo como objetivo analisar as perspectivas sobre a morte no contexto da pandemia a partir da psicanálise. E como objetivos específicos, analisar as perspectivas históricas e culturais sobre a morte; investigar sobre a morte no contexto da pandemia do covid-19; e analisar a morte do ponto de vista psicanalítico.

Onde a justificativa para essa pesquisa, está ligada a atual crise sanitária enfrentada mundialmente, a pandemia do covid-19. E o alto número de mortes, fazendo necessário refletir sobre o processo de morte e morrer e as perspectivas por ela assumida. Onde, para a realização do trabalho, foi realizado uma revisão da literatura sobre a temática, através de livros, periódicos, sites, artigos monográficos e quaisquer outras fontes relacionadas ao assunto, buscadas através do Google Acadêmico, sendo utilizados os descritores: *morte, pandemia da Covid-19 e psicanálise*.

2 A MORTE E O MORRER: CONTEXTO HISTÓRICO E CLÍNICO

A morte é um assunto cujas representações, hipóteses e argumentos, fora do campo biológico, têm ligações com as características de cada cultura e de cada momento histórico. É um dos assuntos mais delicados e controversos na história cultural da humanidade. Trata-se de um elemento estrutural para a compreensão do homem, pois o ser humano só se reconhece diante da aceitação de sua finitude. A vida está intimamente ligada com o significado que se confere à morte (SIMMEL, 1998 *apud* NEGRINI, 2013).

Assim, as atitudes dos homens perante a morte são retrato da sociedade, da temporalidade e da cultura em que estão inseridos. O espaço e a localização geográfica também são fundamentais na determinação dos modos de agir diante da morte (NEGRINI, 2013).

O que se apresenta de mais temido na morte se relaciona com a época de vida de cada um e das especificidades do momento, como, por exemplo: o perigo eminente devido a situações externas de guerras, crimes, violência; (ou no caso presente uma pandemia) perturbações internas que ameaçam o sujeito, como medos e fobias, ou mesmo a morte de alguém (KOVÁCS, 2010).

A morte é simbólica, histórica e socialmente construída. Para além de um processo exclusivamente biológico, é uma elaboração cultural e abordá-la significa compreender suas concepções e práticas decorrentes dessas elaborações. Embora nos dias de hoje seja compreendida de forma negativa, nem sempre foi considerada como tabu (SILVA, 2019).

Por volta da Idade Média até o século XIX, Ariès (1975) nomeou a morte como uma “morte domada”, ou seja, não se morria sem saber que ia morrer. A morte iminente não era escondida da pessoa em processo de morte, nem de seus amigos e familiares. As pessoas se reuniam na casa do doente para prestar as últimas homenagens, se despedir, pedir desculpas ou até mesmo se comprometer a continuar algo inacabado. Nesta época em que a morte era domada, três pontos importantes se destacavam: a morte era esperada no leito, a morte era uma cerimônia pública organizada pelo próprio enfermo (no qual, participavam parentes, amigos, vizinhos e crianças) e havia uma simplicidade em que os ritos de morte eram aceitos sem um caráter dramático ou gestos de emoções excessivas. Assim se morreu por vários séculos (ARIÈS, 2012).

Na segunda metade do século XIX, há uma mudança brusca na visão do homem sobre a finitude da vida. A morte, outrora tão comum, dá lugar para um sentimento silencioso e vergonhoso. Percebeu-se que as pessoas que cercavam o moribundo tendiam a poupá-lo e esconder a gravidade de seu estado. A verdade começa a ser um problema. A primeira

motivação da mentira foi o desejo de poupar o enfermo de assumir sua provação. No entanto, bem cedo esse sentimento, foi superado por um sentimento diferente, característico da modernidade:

Evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo. (ARIÈS, 2012 P. 85)

Logo, a morte e, conseqüentemente, o luto, vão se transformando em tabus dentro de uma sociedade que não aceita os rompimentos, as perdas, os sentimentos de tristeza. E logo, a morte passa a ser uma morte interdita, nomeada assim pelo próprio autor enquanto uma nova fase de compressão da morte e do luto, que tem relação com a questão da felicidade e a constante necessidade de produção da sociedade moderna. Essa mudança favoreceu um deslocamento da morte, passando a responsabilidade para os hospitais e tornando esse processo algo estranho ao indivíduo (ARIÈS, 2012).

Morrer, a datar desse período, até os dias atuais é ocultado de forma silenciosa e, o domicílio não é mais o local do moribundo. Os rituais de despedida passam a ser menos expressivos, isto é, não há tantas manifestações de luto, como as vestes escuras que as pessoas usavam. As condolências aos familiares ocorrem de maneira discreta e surgem empresas responsáveis para cuidar de todos os serviços fúnebres (ARIÈS, 2012).

E assim, nas últimas cinco décadas presenciou-se a um fenômeno singular na sociedade industrial capitalista: conforme a proibição em torno do sexo foi se relaxando, a morte tornou-se um tema interdito, algo inominável. A obscenidade não se encontra mais nas menções as coisas relacionadas ao início da vida, mas sim aos fatos pertinentes ao seu fim. Uma verdadeira mudança. Pois, em uma sociedade completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se o mínimo possível sobre ela. Os novos costumes demandam que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas (MARANHÃO, 1998).

Uma das principais obras sobre a morte, é a obra ‘A Morte e o Morrer’ da psiquiatra Elizabeth Kubler-Ross (2017), a autora suíça aponta que um dos motivos para esquivar-se da morte é que essa se transformou em algo triste, desumano, solitário e mecanizado, visto que essas mortes agora ocorrem no hospital e não mais na casa do enfermo como outrora, o paciente escuta apenas o som dos aparelhos e, muitas vezes os que estão em estado grave não pode sequer opinar, o hospital se tornou um lugar frio, onde a morte ocorre.

A autora quando escreveu a obra não tinha enquanto finalidade elaborar um manual ou um estudo extenuante de como tratar pacientes em fase terminal, mas expor sua experiência adquirida, por meio de entrevistas com esses pacientes em estágios terminais, dessa forma, descreveu estágios do processo de morrer, que identificou em seus pacientes (KUBLER-ROSS, 2017).

O paciente sem possibilidade terapêutica de cura da doença passa por um processo de finitude que a autora denomina de processo de morte e morrer, que são descritos em cinco estágios. O primeiro estágio é a negação, que é comum em quase todos os pacientes, pode dar-se nos primeiros estágios da doença, logo após a confirmação ou numa fase posterior; o segundo estágio é a raiva, no qual, o paciente sente em resposta ao risco de ter sua vida interrompida, raiva por ter acontecido com ele, o terceiro estágio denominado de barganha, é uma tentativa de adiamento da morte, como recompensa por bom comportamento (KUBLER-ROSS, 2017).

O quarto estágio ela chamou de depressão e, pode ser compreendido em um primeiro momento como uma depressão reativa, como uma tensão inicial, uma sensação de perda, que pode ser caracterizada como uma preocupação com a família ou com o corpo, dependendo da doença. No entanto, quando essas necessidades são sanadas, a pessoa se descobre mais confiante para continuar, mas em um segundo momento pode ocorrer uma depressão preparatória, diferentemente da primeira, essa é silenciosa. O quinto e último estágio é a aceitação, que não é um estado de felicidade, mas o paciente se tranquiliza e encontra paz (KUBLER ROSS, 2017).

Diante disso, Soares e Oliveira (2019) lembram que, da perspectiva do desenvolvimento psicológico, as perdas ocasionam um desequilíbrio físico, mental e psicoemocional, rompendo com ideias, sonhos e, projetos de vida, demandando que o indivíduo faça reavaliações e produzam capacidade de sustentação do ego, causando o desafio de lidar com sentimentos de desamparo, rejeição e negação, suscitando uma fragilidade emocional frente aos dilemas e vicissitudes da vida e da morte.

Em seus escritos sobre guerra e morte (2009), Freud aponta que, quanto mais se silencia ou se distancia das verdades que brotam dos processos melancólicos e de luto frente à morte, quanto mais se alimenta a ilusão diante da morte, mais se produz sintomas neuróticos que impossibilitam de suportar a vida. Argumenta, então, se não seria melhor conferir à morte, na realidade e nos nossos pensamentos, o lugar que lhe pertence e deixar vir um pouco mais à superfície a nossa atitude inconsciente diante da morte, até agora tão cuidadosamente reprimida. Isto é, “no fundo, ninguém acredita na sua própria morte, [...] no inconsciente, cada qual está convencido da sua imortalidade” (FREUD, 2009, p. 19).

O entendimento que o homem tem da vida e a que tem da morte fazem parte de um único comportamento fundamental. O reconhecimento da morte, torna a vida mais plena, uma vez que a consciência do fim ampara um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. Adaptar-se à ideia da morte concede bases para a vivência (SIMMEL, 1998 *apud* NEGRINI, 2013).

3 A MORTE NO CONTEXTO DA COVID-19

A pandemia provocada pelo covid-19, uma das maiores do nosso tempo, ainda em expansão no planeta e crescendo de forma assustadora, nos coloca frente a um cenário com a temida morte. Os noticiários não tratam mais da morte de uma pessoa, mas do número de mortes. O aumento acelerado do número de óbitos por COVID-19 é alarmante e gera preocupação em todo o mundo (SANTOS; NASCIMENTO, 2020).

Desse modo, falar sobre a morte e do desconforto que ela causa nunca foi tão atual. Em meio a tantas vidas sendo perdidas diariamente, a consciência da nossa finitude tem sido opressora e coletiva. O morrer, entendido como um processo biológico e psicossocial, ainda é um tema complexo e, do qual pouco queremos pensar no decorrer das nossas vidas, mas, em um momento como o de agora, que a morte está tão presente e próxima de todos nós, torna-se necessário falar sobre ela (SILVA *et al.*, 2020).

A morte é um fragmento e complemento pertencente à vida, mas embora a probabilidade de sua ocorrência esteja presente durante todo o tempo, as pessoas desenvolveram no decorrer da história uma série de repulsa sobre o tema. O medo desse acontecimento inevitável deixa evidente as nossas fraquezas e inseguranças enquanto seres vivos. Por isso, o luto é um trabalho de construção emocional assinalado pela dor da perda e, tem sido praticamente um assunto ignorado nos diálogos rotineiros (RENTE; MERHY, 2020).

O atual contexto pandêmico afastou a fantasia de que é possível vida sem morte, tornando indispensável falar sobre o luto. Como a morte é um evento corporal, só se pode passar por uma experiência de quase-morte, mas de forma nenhuma da morte consumada. Seria o luto o evento que torna a morte um fato real? Não há nada a fazer a respeito do acontecimento denominado morte (RENTE; MERHY, 2020). A morte exige um processo de luto, e é necessário elaborá-la e não entrar em um estado de negação (SILVA *et al.*, 2020).

Segundo Ramos (2016), a definição de “Processo de Luto” é bastante complexa ao passo que cada pessoa o vivencia de forma diferente, através das culturas, o meio em que está inserida, assim como, o contexto da perda também influencia a forma como a pessoa vai enfrentar o luto.

Por sua vez, na perspectiva de Nascimento (2020), o luto é compreendido enquanto um mecanismo de reação quando o corpo vivencia uma perda. O luto é uma resposta normal, natural e inevitável à perda e pode afetar todas as partes de nossas vidas. Às vezes, pode parecer opressor e assustador, possibilita que o indivíduo se ajuste gradualmente à perda e encontre uma maneira de continuar a vida.

O luto, ainda que seja natural e espontâneo, exige atenção e cuidado do enlutado. A margem que separa o luto normal do complicado é estreita e pode evoluir de um para outro com facilidade (FARBER, 2021). O luto normal é aquele onde a pessoa enlutada consegue compreender e aceitar a perda da pessoa querida, conseguindo dar continuidade a sua vida sem aquela pessoa. Neste tipo de luto a pessoa chora, sente saudade e fica triste. Entretanto, a questão que se coloca não diz respeito a não sentir a falta da pessoa que se foi, mas como ela elabora essa perda (BRAZ; FRANCO, 2017).

Por sua vez, o luto complicado é caracterizado quando a pessoa enlutada não consegue dar continuidade a (à) sua vida do mesmo modo que antes da perda do ente querido. Pesquisadores pontuam algumas manifestações que podem estar presentes em pessoas que estão passando pelo processo de luto complicado, seriam elas: expressão de sentimentos intensos que persistem muito tempo depois da perda, somatizações frequentes, mudanças radicais no estilo de vida, episódios depressivos, isolamento, baixa autoestima e impulsos autodestrutivos (BRAZ; FRANCO, 2017).

Em um processo normal de luto, o sofrimento vivenciado aparece enquanto uma oportunidade de aprender, transformar-se e desenvolver o dito crescimento traumático. A resolução do luto é facilitada por rituais de despedida/passagem, pela comunicação social/familiar, compartilhamento de bons momentos, agradecimentos, pedidos de perdão e obtenção de respostas, mesmo que subjetivas e particulares e, de diversas questões (CREPALDI *et al.*, 2020).

Porém, em decorrência dos padrões de segurança e para evitar o crescimento das taxas de contágio, tornou-se comum nos noticiários tristes narrativas de mortes solitárias, no qual, os mortos não puderam contar com parentes e afins em seus últimos momentos. Essa explicitação da morte e isolamento do morto causado pela COVID-19, por sua vez, parece ter criado uma nova taxonomia da morte, do morrer e do morto (VERAS, 2021).

Assim, diante da realidade de várias perdas, Miyazaki e Teodoro (2020), discorrem que a vivência do luto durante a pandemia da COVID -19 é diferente em diversos aspectos, a iniciar pelos rituais costumeiros que não são mais realizados ou são alterados para atender à nova situação, como também, os casos de contágio e mortes em pessoas da mesma família, gerando

lutos sequenciais. É importante considerar os vários cenários possíveis, como: falecimento em residência, em hospitais, falecimento solitário e, a impossibilidade de contato do enlutado com o ente falecido.

Nos rituais fúnebres, recomenda-se que os velórios sejam realizados com o número mínimo de pessoas, preferencialmente as mais próximas ao falecido, e mantendo o distanciamento entre si, ainda, que o sepultamento seja feito com caixão lacrado, e com no máximo uma hora de duração (FIOCRUZ, 2020). Nos enterros não há tempo para honras fúnebres. A tradicional despedida já cristalizada na memória coletiva não deve ser realizada, com o risco de contaminação. Com a imposição da política pública sanitária de redução do tempo dos velórios, os parentes não podem se reunir. As redes de afeto e conhecimento são vedadas de se aglomerar. A supressão dos velórios caracterizou uma ruptura significativa em relação ao padrão urbano de homenagens fúnebres, representado por um cerimonial individual em homenagem ao falecido e pela solidariedade entre seus parentes e amigos (SILVA, 2021).

Essas várias mudanças desestabilizaram o processo de luto. Muitos familiares, sem aceitar racionalmente as orientações sanitárias, acreditam que o morto não recebeu adequadamente a homenagem que merecia, além de não poderem ser confortados de forma adequada. Para estes, os dias e meses subsequentes podem ser de uma piora emocional, contribuindo a aumentar o risco para problemas de saúde mental. Esta impossibilidade do luto pode aumentar o sofrimento e ao decorrer do tempo, a pessoa pode apresentar comportamentos desadaptados, como pensamentos recorrentes sobre a pessoa que faleceu, afastamento de relações interpessoais e falta de sentido na vida (CREPALDI *et al.*, 2020).

Como consequência, o estresse imposto nessas situações pode facilitar o surgimento de lutos complicados, algumas vezes considerados patológicos, em que a premissa de crescimento emocional não é completamente válida, visto que, a permanência de sentimentos negativos podem levar ao desenvolvimento de estados ansiosos/depressivos prolongados (MELLO, 2020). Assim como, é possível que a vivência do luto em isolamento social aumente o número de lutos complicados. Da mesma forma, a morte repentina, é tida como potencialmente complicadora para elaboração do luto normal e pode gerar transtornos psicológicos importantes. Portanto, na pandemia, o processo de luto sofre atravessamentos, sendo necessário refletir em meios de lidar com a perda e de redesenhar os rituais de despedida (COGO *et al.*, 2020).

Com vista ao já relatado, os rituais de despedida são importantes, pois ver o morto, o corpo sem vida, e poder velá-lo, dá ao Eu os elementos de realidade que, embora muito dolorosos, são fundamentais para a confirmação da perda (MELLO, 2020). Os rituais

funerários, portanto, têm um papel essencial para a saúde mental dos enlutados. Eles organizam psicologicamente o processo de despedida e são importantes para a elaboração da perda (HORTEGAS; SANTOS, 2020). Ainda mais, que durante a pandemia, um dos principais agravantes do adoecimento mental é a percepção ampliada de luto, a qual se estende, de forma mais ou menos intensa aos sentimentos gerados pela perda de diversas vítimas. É certo que, em tempos de adoecimento mental como os pandêmicos, mudam de forma drástica a relação e a percepção sobre a morte e o luto, a julgar que, diariamente, são muitas as vítimas da COVID-19 e, mesmo que não sejam familiares ou conhecidos a sociedade é afetada socioemocionalmente de maneira constante (DANTAS, 2021).

Assim, enquanto o mundo vislumbra um cenário pós COVID-19, também é preciso entrever dentro desta perspectiva, como ficarão os sobreviventes, como aqueles que foram contagiados e venceram a doença, os que de alguma forma se afetaram pela mesma, como também, aqueles que vivenciaram seus entes sucumbirem a ela, e não tiveram a chance de se despedir através dos ritos como foram convencionalmente batizados, refletindo tendências essenciais para motivar o presumido “seguir em frente” (HOTT, 2020).

4 MORTE, COVID-19 E PSICANÁLISE

Em Luto e melancolia (1917/2020) Freud diz que o luto é uma reação, normal, diante da perda da pessoa querida ou equivalente. Não pode ser considerada uma patologia, embora provoque notáveis mudanças na conduta normal da vida e, se espera que seja superado depois de algum tempo, sendo prejudicial intervir no processo.

Por sua vez, o luto profundo, enquanto resposta à perda da pessoa amada, abrange o mesmo estado de ânimo doloroso a perda de interesse pelo mundo externo, resguardando apenas o que possa lembrar o morto. Assim como, há um prejuízo na capacidade de encontrar um novo objeto de amor e, um prejuízo em todo tipo de atividade que não está relacionada com a memória do morto. Uma vez que, durante esse processo, o Eu encontra-se inibido e limitado, por sua devoção exclusiva ao luto, onde não resta nada para outros projetos e interesses (FREUD, 1917/2020).

Mas em que consiste o trabalho do luto? Freud o descreve da seguinte forma: o objeto amado já não existe mais e determina que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto e investida em outro. O normal, é que o sujeito respeite essa realidade e vá aos poucos retirando a libido investida nas relações que mantinha com o objeto perdido e investindo em outro (FREUD, 1917/2020).

Porém, nem sempre é assim que acontece, pois, há um ponto importante a ser considerado, o homem não abandona de boa vontade uma posição libidinal, nem mesmo quando um substituído já lhe sinaliza. E, na tentativa de conservar a ligação com o objeto amado, uma série de oposições se manifesta contra o desinvestimento. Essas oposições podem ser tão intensas que, ao invés de predominar o respeito à realidade, esta se torna insuportável e o sujeito permanece ligado ao objeto perdido através de uma psicose alucinatória do desejo (FREUD, 1917/2020).

Pode-se pensar aqui, aquelas pessoas que perderam os entes queridos para a covid-19, onde não tiveram a oportunidade de estar perto durante os últimos dias do falecido nem se despedir de forma adequada devido às restrições impostas pela pandemia. Esse evento pode ser tão doloroso para a pessoa que perdeu alguém, que pode desencadear uma fuga da realidade e uma construção delirante-alucinatória de que o parente não morreu, uma vez que todo processo normal do luto não foi possível.

Em contrapartida, Lacan no seminário 6, O desejo e sua interpretação, ao falar da morte e do luto, fala do objeto do luto, uma relação de objeto, no qual o sujeito vivencia uma determinada relação de identificação, uma incorporação do objeto perdido, no qual, se organizam as manifestações do luto, onde ele esclarece a partir do simbólico, do real, e do imaginário (LACAN, 2008). Com isso, antes de se ater ao assunto, se faz necessário esclarecer essas categorias. No qual, são consideradas por Lacan, categorias fundamentais sem as quais não é possível discernir nada em nossa experiência. As definições dos três registros são melhor compreendidas quando articuladas à questão do sentido, permitindo que se visualize o que está em jogo no cerne de cada um deles (JORGE, 2017).

O real é do campo do não-sentido, ou seja, da falta de sentido, estabelecida por Lacan, enquanto aquilo que é impossível de ser simbolizado. O real escapa drasticamente a toda e qualquer oportunidade de representação, ele ex-siste ao simbólico, e Lacan, assegurará que é possível ter certeza de estarmos frente a algo da ordem do real quando aquilo não tem nenhum sentido. O inverso do real é o imaginário, esse da ordem do sentido, da vivência de unidade corporal construída desde o estabelecimento do estágio do espelho, quando a criança pequena reúne os pedaços de seu corpo fragmentado desde a consciência da imagem pregnant de seu próprio corpo refletido. Ou seja, o imaginário envolve o sentido dado e, é tão fechado que rejeita seu oposto, no qual, representa para ele um real de impossível assimilação. Por sua vez, o simbólico é do campo do duplo sentido, ele autoriza que se vincule o não sentido do real ao sentido do imaginário. O simbólico é a persistência da linguagem com sua massa de

ambiguidade inabalável. Ou seja, o real é da ordem do não-sentido (ex-siste); o simbólico do duplo sentido (insiste); e o imaginário do sentido (consiste) (JORGE, 2017).

Dito isto, Lacan, ao falar da morte, fala sobre um rombo no real, provocado por uma perda, uma perda inestimável, e intolerável ao ser humano que desencadeia nele o luto. Lacan, discorre que o luto se assemelha à psicose, pois, assim como o que é rejeitado (Verwerfung) no simbólico reaparece no real na psicose, no luto há um “rombo no real” provocado pela perda do amado, referindo-se à insuficiência significante na articulação ao nível do Outro, de modo que a relação passa a se estabelecer pelo imaginário, convocando a simbolização (LACAN, 2008, p. 356).

Não é qualquer perda que desencadeia o luto, como destacou Lacan, mas apenas a morte de um outro, um ser querido, que segundo ele, é para nós essencial. Uma perda, que segundo ele, abriria um furo no real, e o sujeito afundaria na vertigem da dor e, na iminência de um desfalecimento. Há um apelo dramático ao simbólico e ao imaginário, em um esforço para encontrar elementos que possam de algum modo circundar o furo, emoldurá-lo, visto que não é possível repará-lo (LACAN, 2008).

Uma vez que, a desordem provocada por um luto, ou nas palavras do autor um “furo no real” faz com que, o sujeito solicite todo tipo de coisas que possa se agarrar, imagens e significantes, para fazer frente diante desse furo aberto em sua existência. Tudo o que for despejado nesse furo - imagens, significantes - jamais será capaz de preenchê-lo, “em razão da insuficiência de todos os elementos significantes a fazer face ao rombo criado na existência, pela colocação em jogo total de todo o sistema significante ao redor do menor luto” (LACAN, 2008, p. 357).

Lacan (2008), ao discorrer a respeito da importância do rito junto ao grupo e comunidade, como suportes para a simbolização do sujeito em torno do furo no real, trás concepções que contemplam o trabalho do luto em relação ao Outro, à linguagem, e ao social. Desse modo, o trabalho do luto realiza-se por meio dos ritos, em grupo ou comunidade, que funcionam como suportes para o enlutado, onde “se produzam estes fenômenos que correspondem à influência, à entrada em jogo, a colocação em marcha, dos fantasmas e das larvas, no lugar deixado livre pelo rito significante”. A importância do rito, está em sua dimensão simbólica, em sua eficácia em convocar o simbólico para fazer frente à dor e a desordem criada pela morte de um ser querido, cuja perda provoca um furo no real. Diante disso, os ritos fúnebres teriam a função de convocar os significantes na tentativa de circundar o furo (LACAN, 2008 p. 357).

Ademais, Lacan fala sobre como o rito introduz ao que o luto abre enquanto hiância, ou seja o vazio deixado pela perda da pessoa amada. Assim, o valor do rito está na mediação que ele faz em relação ao furo real, ele media a relação do mundo dos vivos (simbólico), com o dos mortos (real). No cerne dessa hiância, aberta pelo luto, o rito surge para intervir mobilizando e despejando imagens e significantes, gestos e palavras, elementos que possam fazer circundar o furo que a morte abriu. Uma vez que, não é possível preencher o furo, mesmo que o rito convoque todas as imagens e todo o conjunto de significantes solicitados pelo luto, ele não poderá repará-lo, sua função principal é de tratamento, ele faz mediação entre o luto psíquico e o luto social (LACAN, 2008; PINHO, 2015).

Diante do exposto, pode-se perceber que no contexto da pandemia do COVID-19, poderá haver um aumento de lutos complicados, já que, com as restrições dos ritos fúnebres, o sujeito não poderá dispor de todos os elementos necessários para elaboração de sua perda. Pois, como afirma Lacan “não podemos não ser tocados pelo fato de que em todos os lutos que são maiores, [...] sempre retoma isso de que os ritos foram abreviados, clandestinos” (LACAN, 2008, p. 360).

Na obra *Erótica do luto*, Allouch (2004) aborda a diferença, pequena, mas importante do luto entre Freud e Lacan, segundo ele, em Freud, temos a sequência: perda do objeto + trabalho do luto, que teria por visada e até por resultado uma volta ao estado antes existente, o que caminharia para validar o restabelecimento da antiga relação com o objeto substituído. Por sua vez, em Lacan, há grande diferença entre a situação de antes e a de depois do luto. Assim, o problema da função do luto parece ser o desta diferença: Freud: perda do objeto + trabalho do luto igual a 0; Lacan: perda do objeto + [? de] luto diferente de 0.

Em Lacan não há objeto substitutivo, o objeto de amor não é passível de substituição. Trata-se de um trabalho de repetição, na medida em que o objeto que se apresenta ao sujeito assemelha parcialmente com aquilo que lhe deu satisfação, de forma que ele se põe a buscar e repete a sua procura por esse objeto, sem nunca o encontrar. Pois, mesmo após o trabalho de luto a pessoa nunca mais voltará a ser como antes da perda, porque o objeto do luto é insubstituível (ALLOUCH, 2004).

E, por mais que o sujeito tente fazer de um novo objeto, um objeto de substituição, ficará o fato mesmo da substituição como diferença insuprível, a segunda vez nunca será como a primeira. Já que, não se trata de reencontrar um objeto, ou uma relação com um objeto, menos ainda de se restaurar o gozar de um objeto em sua elaboração particular, trata-se de uma grande mudança na relação de objeto, da feitura de uma nova figura da relação de objeto (ALLOUCH, 2004).

Nesse sentido, Lacan no seminário 10, *A Angústia*, (2005) apresenta a função do luto, para além da identificação com o objeto perdido. Segundo ele, ficamos de luto por quem operamos a função de estar no lugar de sua falta, de ser a sua falta. No amor oferecemos o que não temos, damos a nossa falta. Lacan, coloca o objeto *a* como instrumento do amor, é condição para ele, como um fazer com o que não se tem. Assim, o luto é mais do que a dor da perda do objeto, pois é precisamente a sua falta que garante o laço com ele e o torna tão inestimável. Não é por responder ao desejo que o objeto ganha valor a nós, mas sim por incorporar como falta, em uma relação causal com o desejo. Revela-se, então, como um objeto importante, em que *a* possa isolar-se por um instante.

Assim, após a elaboração do luto surge a falta. A falta autoriza que o sujeito vá em busca de um outro objeto de amor, sem deixar de amar o objeto perdido, uma vez que, seu desejo o instiga. Neste sentido, Lacan demarca a função do luto como a estrutura fundamental na constituição do desejo (LACAN, 2005).

Considerando tudo o que foi pesquisado, é possível concluir que após a perda, surge a necessidade de elaboração por parte do sujeito, quer seja através do investimento libidinal ou em outro objeto como aponta Freud em *Luto e melancolia* (1917/2020), ou por meio do simbólico como aponta Lacan (2008).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou trazer o tema da morte para o contexto da pandemia da COVID-19. Desse modo, foi possível observar que, a morte, discutida em nossa sociedade desde o começo dos tempos, já assumiu diversas perspectivas, já foi considerada uma dádiva, depois de uma longa vida, algo inominável, triste e, um tabu. Se outrora se buscou falar o mínimo possível sobre ela, na sociedade atual, com uma pandemia em curso, tornou-se um dos principais assuntos do mundo e, um dos maiores medo do homem. Pois, com tantas vidas perdidas em um curto espaço de tempo tornou-se inevitável o homem não pensar em sua finitude.

Diante disso, no decorrer do trabalho buscou-se fazer uma correlação com o que a morte já representou no decorrer da história do homem, e o que ela representa hoje, com a pandemia do COVID-19. Foi possível perceber, que dá idade média para hoje, muito mudou sobre a forma do homem compreender a morte, sendo o mais temido nela sua relação com a época de vida de cada um e das especificidades do momento. E, a especificidade da morte em um contexto pandêmico, trouxe à tona não só a consciência do homem de sua finitude, como também, á

consciência de perda do outro importante para ele, foram milhares de vidas perdidas, vidas que eram pais, mães, avós, avôs, filhas, amigos e etc; sendo esta a mais significativa mudança sobre a morte na pandemia, o medo da perda do ente querido.

Desse modo, foi possível observar que durante a pandemia, a morte se tornou temida, triste e isolada, milhares de pessoas morrendo em um curto espaço de tempo, várias pessoas morrendo isoladas dos familiares, enterros rápidos e, restrições de honras fúnebres para dizer o último adeus. Sendo esse último, um dos maiores contribuintes para o processo de um luto complicado, pois a morte exige um processo de luto, e o sujeito necessita de todos os elementos necessários e assim elabora-lá, e o rito é o primeiro elemento que o sujeito dispõe para tal, é por meio dele que o sujeito consegue dá o último adeus aquele que foi importante para ele e receber o apoio dos demais.

Com isso, foi recorrido ao referencial teórico da psicanálise para compreender a morte para o sujeito e, conseqüentemente, o processo de luto. Sendo que, Freud vai apontar que após a perda de um ente querido o luto é normal e precisa ser vivenciado, e após o sujeito respeitar esse processo ele poderá aos poucos retirar a libido investida nas relações que mantinha com o objeto perdido e investir em outro. Já em Lacan, podemos ver que a morte para ele representa um furo no real, provocado por uma perda inestimável, e intolerável ao ser humano que desencadeia nele o luto. E, após sua elaboração surge a falta, que autoriza o sujeito a ir em busca de um outro objeto de amor, sem deixar de amar o perdido e, diante disso, Lacan, demarcou a função do luto como a estrutura fundamental na constituição do desejo.

Assim, foi possível observar, tanto em Freud como em Lacan, a importância da elaboração da perda, enquanto determinante para que o sujeito possa investir em outros objetos. No entanto, foi possível observar também, como a pandemia interferiu nesse processo natural, uma vez que, a morte interfere no enfrentamento do luto, uma morte em meio à limitação de recursos necessários para elaboração de uma perda, como por exemplo, o rito, já citado, torna mais difícil de processar a perda.

Por fim, o trabalho de luto necessita de tempo para que seja elaborado. E, uma perda no atual contexto pandêmico, com todas as suas restrições pode intensificá-lo. Dessa forma, o estudo pode contribuir para uma reflexão sobre a temática da morte, do morrer e, do luto, e suas especificidades durante a COVID-19, servindo de base para compreender o sujeito, e assim, oferecer uma escuta clínica qualificada para a elaboração do luto, diante de tantas perdas. Como também, é importante destacar que a discussão proposta neste trabalho ainda requer novas pesquisas, visto que, nos encontramos em plena vivência da pandemia e há muito a ser pesquisa,

estudado e construído, para que assim, seja possível compreender melhor as consequências e efeitos dos processos sociais decorrentes dela.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, J. **Erótica do luto no tempo da morte seca**. Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BRAZ, M. S; FRANCO, M. H. P. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 1, p. 90-105, Jan. 2017. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932017000100090&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 01 nov. 2021.

COGO, A. S et al. Processo de Luto no contexto da COVID-19. In: NOAL, D. S; DAMÁSIO, F. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19**. Brasília: Fiocruz, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/42350>. Acesso em 31 Out. 2021.

CREPALDI, M. A. et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 37, e200090, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jun. 2020.

DANTAS, C. R. et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**. 2020, v. 23, n. 3, pp. 509-533. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>. Acessado 30 Out. 2021.

DEMENECH, L. M. et al. Desigualdade econômica e risco de infecção e morte por COVID-19 no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia [online]**. 2020, v. 23, e200095. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200095>. Acessado 25 Setembro 2021.

FARBER, Sonia Sirtoli et al. Tanatologia: a vivência do luto como reconquista do sentido da vida. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.45, 381-388, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3142>. Acesso em: 31 Out. 2021.

FREUD, S.. **Escritos sobre a guerra e a morte**. Trad. Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. (Textos Clássicos de Filosofia). Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/freud_sigmund_da_guerra_e_da_morte.pd. Acessado 1 Outubro 2021.

FORESTI, T.; HODECKER, M.; B., Andréa Barbará S.. A concepção de morte na história e a COVID-19: uma retrospectiva teórica. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 39, n. 105, p. 390-407, set. 2021. ISSN 1980-5942. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/27197>. Acesso em: 28 Set. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum39.105.AO02>. Acesso em: 31 Out. 2021.

Fundação Oswaldo Cruz. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: processo de luto no contexto da COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%20Mental-e-Aten%20a%20Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>. Acesso em: 19 Out. 2021.

GOLDIM, José Roberto; FERNANDES, Marcia Santana. Morte e Morrer em Tempos de COVID-19. **Clinical & Biomedical Research**, [S.l.], v. 41, n. 1 de junho de 2021. ISSN 2357-9730. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/hcpa/article/view/111850>. Data de acesso: 01 out. 2021.

HORTEGAS, M. G.; SANTOS, C. C.. Covid-19 e o luto: sem poder dizer o último adeus. **Revista Transformar** |14, Edição Especial “Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas”, mai./ago. 2020. E-ISSN:2175-8255. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/382>. Acesso em: 24 Out. 2021.

HOTT, M. C. M. COVID-19: Complicando o rito da morte e o luto. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 3, 2020. Disponível em: <https://www.iajmh.com/iajmh/article/view/121>. Acesso em: 31 Out. 2021.

KOVÁCS, M. J.. **Morte e desenvolvimento humano**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2010

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução Paulo Menezes. 10. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2017.

LACAN, J. (1958-59/2008). O Seminário, livro 6: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LACAN, J. (1962-63/2005). O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

MARANHÃO, JLS. **O que é a morte?** 4ª ed. São Paulo: Brasiliense; 1998.

MELLO, R.. LUTO NA PANDEMIA COVID-19. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 7-17, jul. 2020. ISSN 2447-1798. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/289>. Acesso em: 30 out. 2021.

MIYAZAKI, M. C. O. S; TEODORO, M. **Tópico 6: Luto**. SBP, Ribeirão Preto, p.1-7, 2020. Disponível em: http://www.sbponline.org.br/arquivos/To%CC%81pico_6_S%C3%A3o_muitos_os_lutos_na_situa%C3%A7%C3%A3o_da_Covid-

19_No_T%C3%B3pico_6_revisamos_o_conceito_de_luto_e_as_alternativas_do_psic%C3%B3logo_para_abordar_esta_tem%C3%A1tica_neste_contexto_.pdf.

NASCIMENTO, A. R. et al. RITUAIS DE DESPEDIDA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19. **Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, v. 14, n. 1, p. 80-85, 2020. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/384>. Acesso em: 31 Out 2021.

NENEGRINI, M. A SIGNIFICAÇÃO DA MORTE: UM OLHAR SOBRE A FINITUDE HUMANA. **Revista Sociais e Humanas**, 27(1), 29-36. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/6592>. Acesso em: 21 maio 2021.

PINHO, M. X. **O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: uma leitura psicanalítica das tatuagens in memoriam**. 2015. 260 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17124>. Acesso: 19 Nov. 2021.

Portal G1. (2021). Mortes e casos de coronavírus nos estados [site]. Recuperado de: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/&ved=2ahUKEwik24CLg_j0AhXnrJUCHQOAdh0QFnoECAMQAQ&usg=AOvVaw1qcsHpCE8JocJLooBEiD8E. Acesso em Dez. 2021.

RAMOS, V. A. B. O processo do luto. **Psicologia o portal dos psicólogos**, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 31 Out. 2021.

RENTE, M. A. M.; MERHY, E. E.. Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 32, e020007, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100406&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 de Outubro de 2021.

SILVA, É.. QuinagliaIdeário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista Bioética [online]**. 2019, v. 27, n. 1, pp. 38-45. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019271284>. Acessado 10 Setembro 2021.

SOARES, A. L. M. S.; DE OLIVEIRA, V. C. SOBRE A MORTE O MORRER. **Psicologia e Saúde em debate**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 144–148, 2019. DOI: 10.22289/2446-922X.V5N1A12. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N1A12>. Acesso em: 30 maio. 2021.

SANTOS, C. F.; NASCIMENTO, C. L.. COVID-19 E A REINVENÇÃO DA VIDA A PARTIR DO RISCO DE FINITUDE: Um olhar a partir de Viktor Frankl. **Revista Transformar**, 14, Edição Especial “Covid-19: pesquisa, diálogos transdisciplinares e perspectivas”, mai./ago. 2020. E-ISSN:2175-8255. Disponível em: <http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/385>.

SILVA, A. V. Os “ritos” possíveis de morte em tempos de coronavirus. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, 2020, p. 1-12. Disponível em: <https://www.reflexpandemia.org/texto-50>. Acesso em: 17 Out. 2021.

SILVA, J. C. et al. Sobre a morte, o morrer e o Luto em tempos de covid19. **Boletim Entre SIS**, Santa Cruz do Sul, v. 5, n. 1, p. 78-79, set. 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/boletimsis/article/view/20394>. Acesso em: 17 Out. 2021.

VERAS, J. V. Limiares entre mundos: Reflexões e taxonomias sobre a(s) morte(s), o morrer e o morto na pandemia da COVID-19 . **Novos Debates**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.48006/2358-0097-7122. Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/223>. Acesso em: 15 set. 2021.